

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

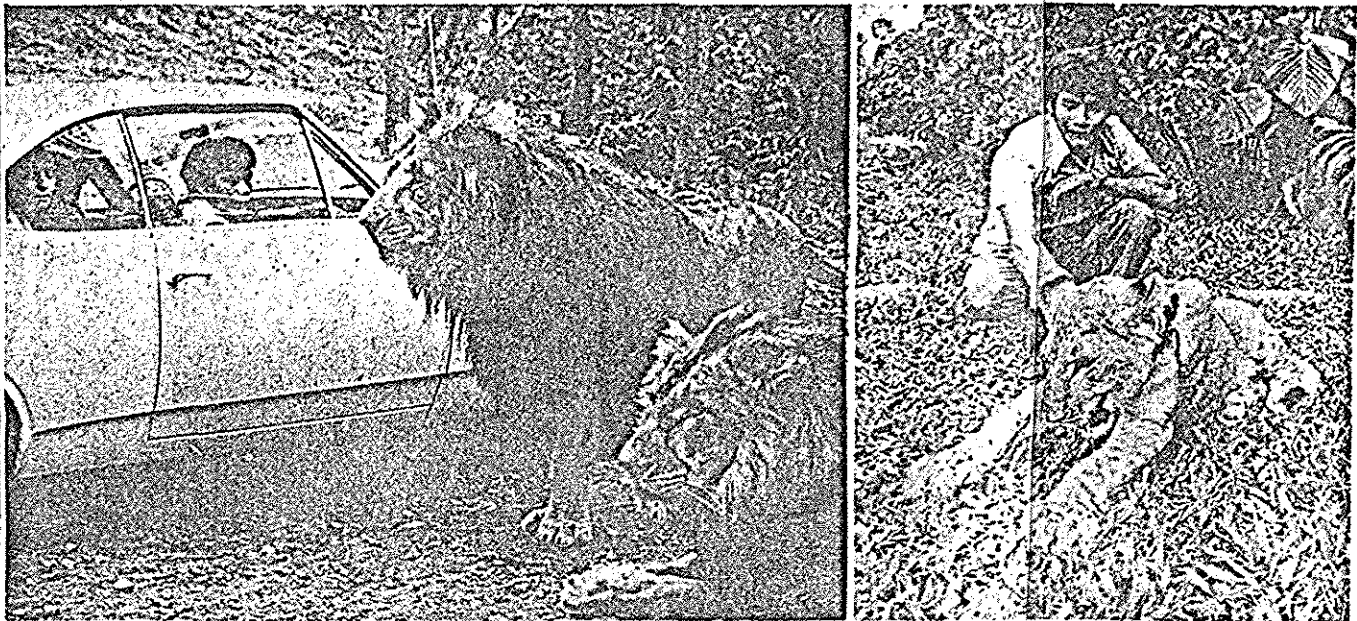
Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: PIX geral 33

Data: 30.12.74

Pg.: _____

XINGU
 Mairauê trabalha com Orlando Villas Boas, no Xingu. Aqui contamos os seus passeios em São Paulo.



A Mairauê pergunta: "Por que prender os bichos, que não fizeram nenhum mal?"

1.851
 514125

Mairauê na cidade

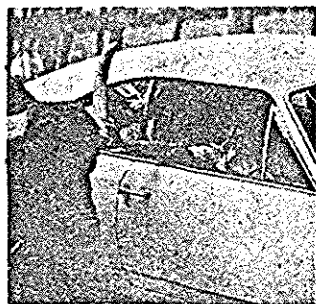
"Meu lugar é onde mora a minha gente" — diz ele.

O índio Mairauê para diante da elefoa Mara, no zoológico da Água Funda, e a examina com muita atenção. Quando lhe perguntam o que acha do animal que está vendo pela primeira vez ele pensa bastante antes de responder. Sêrio, voz pausada, explica em português quase perfeito:

— É bem maior que a anta. Lá no Xingu dava para alimentar toda a aldeia kajabi por mais de um mês.

Mairauê é um índio kajabi que trabalha com Cláudio Villas Boas no posto Diáuarum, no médio Xingu, bem ao norte de Mato Grosso. Como todos os índios do Parque Indígena do Xingu ele não sabe dizer sua idade; só sabe que quando era bem pequeno ficou órfão de pai e mãe, sendo adotado por Orlando Villas Boas, o que leva a presumir que tem entre 20 e 25 anos. Os kajabi foram contatados pelos Villas Boas em 1951.

Desde pequeno Mairauê foi educado por Orlando "segundo a educação do branco e a cultura do kajabi". Ele lê e escreve razoavelmente o português e fala diversas línguas de tribos do Xingu. Sêrio, austero, Mairauê é



O búfalo ele já conhecia

é Mairauê quem acompanha o barco, sendo capaz de fazer qualquer conserto no motor de popa. Nessas viagens é ele também quem faz as pescarias e as caças, usando arco e flexa, borduna, anzol ou espingarda. Para os irmãos "Vilas Boas, "Mairauê é um exemplo da consciência do índio: apesar de viver em contato com o branco ele não esquece sua cultura".

Na segunda quinzena deste mês Mairauê viajou do Xingu para São Paulo, onde veio fazer tratamento dentário. Seus pedidos para um amigo: conhecer uma casa bonita e o lugar onde os brancos guardam seus bichos. A casa escolhida foi a nova sede da Secretaria de Segurança Pública, na avenida Higienópolis, e o lugar onde os brancos guardam seus bichos foi o Zoológico da Água Funda e o Simba Safari.

Quando os índios viajam a São Paulo eles ficam hospedados na sede da Funai

— Fundação Nacional do Índio — no bairro do Sumaré. Do Sumaré até a avenida Higienópolis, o que

mais chamou a atenção de Mairauê foi o Hospital Emílio Ribas, na avenida Dr. Arnaldo. Ele explica que tinha ouvido falar do Hospital pelo rádio da Funai:

— Foi quando começou a meningite que ouvi falar nesse hospital pelo rádio: eram estações que entravam na onda da Funai. Quando o Cláudio me explicou que a meningite era pior que a gripe e a malária, fiquei pensando. Agora eu vejo que ele estava certo: somente uma doença grande pode ter um hospital desse tamanho.

A Secretaria de Segurança Pública fica num enorme palacete construído no começo do século na esquina da avenida Higienópolis com rua Albuquerque Lins. Quase todas as salas do prédio são forradas de jacarandá, os banheiros são feitos em mármore, e peças de cobre. Quando alguns delegados notaram que Mairauê estava achando o prédio bonito, quiseram saber se ele mudaria do Xingu para São Paulo. Mairauê não pensou muito para responder:

— Minha terra é onde mora minha gente. É lá que eu tenho que ficar.

Mairauê fala pouco. E quando fala é para responder o que lhe perguntam. Educado, ele sente muito orgulho em dizer que é um índio kajabi. Um delegado que quis saber o que "o bugre gostaria de receber de presente", recebeu esta resposta:

— Não sou bugre; sou

índio que está fazendo uma visita sem pedir nada. Presente quem dá é amigo.

No Zoológico da Água Funda o diretor Mário Autuôri colocou um funcionário para acompanhar Mairauê em seu passeio. No primeiro lugar que visitou, a maternidade e hospital dos bichos, ele ficou meio assustado: existiam várias onças pretas enjauladas que rugiam à sua passagem. Ele não escondeu seu medo:

— Eu já cacei uma delas, só na base da borduna.

Por considerá-los feios, Mairauê preferiu ficar sem fazer comentários sobre o rinoceronte e as girafas. Sua única dúvida sobre esses animais: por que eles não existem no Xingu? Ele mesmo respondeu:

— Eles não existem porque nossas flechas são pequenas. Na terra deles devem existir flechas grandes e muita gente para comê-los.

No Simba Safari, quando lhe explicaram que ia passear de carro entre os leões, ele sorriu. E sorriu ainda mais quando lhe perguntaram se ele não tinha medo:

Vocês não vão juntos?

Atento às explicações de Francisco Galvão, proprietário do Simba Safari, Mairauê não mostrou medo nenhuma vez. Quando um leão enorme encostou-se perto do carro, Mairauê não se mexeu; ficou olhando firmemente o animal, depois descreto por ele como "uma onça grande, sem manchas e muito cabeluda". Ao pas-

sar perto de um búfalo, já com a janela do carro aberta, quis passar a mão em sua cabeça. Com o consentimento de Francisco Galvão, agradeceu o animal e depois explicou por que não teve medo:

— Lá no Xingu eu explico aos meus amigos onde tem piranha, jacaré. Eu sou amigo de vocês..

Mairauê retornou ao Xingu nesta semana, "e vai contar tudo o que viu em São Paulo". Em sua opinião a cidade tem muito movimento; as comidas são boas, "mas a carne de macaco é bem melhor".

— Os bichos estão soltos como lá no Xingu. Não dá para entender, porque prendem os bichos se eles não fizeram nada para ninguém.